

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

PROJETO DE LEI Nº 6.417, DE 2009

Promove *post mortem* o diplomata Marcus Vinicius da Cruz de Mello de Moraes.

Autor: PODER EXECUTIVO

Relator: Deputado EMILIANO JOSÉ

I – RELATÓRIO

O projeto de lei em análise, oriundo do Poder Executivo, objetiva promover *post mortem* a Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata o Primeiro Secretário Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes, mais conhecido de todos nós como Vinicius de Moraes. Com tal medida, ficam também assegurados aos atuais dependentes de Vinicius de Moraes os benefícios de pensão correspondente ao novo cargo de embaixador.

Na Mensagem encaminhada junto à proposição, justifica-se tal medida pelo fato de que, embora tenha terminado precocemente sua carreira de diplomata como Primeiro Secretário, ***“Vinicius de Moraes prosseguiu a brilhante trajetória artística que vinha desenvolvendo em solo brasileiro e também no exterior. (...) Pode-se afirmar, sem qualquer dúvida, que o extraordinário trabalho artístico desenvolvido por Vinicius de Moraes durante décadas fez dele, mais do que divulgador ímpar do Brasil, um verdadeiro embaixador da cultura brasileira. Nada mais justo do que prestar-lhe o devido reconhecimento, elevando-o, também como servidor público e diplomata, à posição que merece ocupar”***.

A tramitação dá-se conforme o art. 24, inciso II do Regimento Interno desta Casa, sendo conclusiva a apreciação por parte da Comissão de Educação e Cultura (CEC). Cumpridos os procedimentos e esgotados os prazos regimentais, não foram recebidas emendas ao Projeto. Cabe-nos, agora, por designação da Presidência da CEC, a elaboração do parecer, onde nos manifestaremos acerca do mérito cultural.

É o Relatório.

II – VOTO DO RELATOR

O que terá feito de Vinicius de Moraes um diplomata? E como ele conseguiu conciliar tanto pendor criativo, tanta explosão musical, tanta veia poética, tanto violão, tanta bossa nova com os rigores da carreira do Itamarati? Talvez coubesse ao relator debruçar-se um pouco que seja sobre sua trajetória para, então, responder a essas inquietações.

Uma pista, antes de qualquer outro argumento, pode ser encontrada em uma reflexão feita por ele próprio: “Poucas coisas fazem tão bem quanto a solidão sincera”. É uma revelação feita à mãe em carta de 11 de março de 1935. Nascido em 1913, no Rio de Janeiro, aos 21 anos já raciocinava de modo maduro, vivia angústias e dúvidas que ficariam melhor num homem mais velho, como diz Ruy Castro no prefácio do livro Querido Poeta – Correspondência de Vinicius de Moraes –, organizado pelo próprio Ruy Castro, que subsidia esse voto. A solidão era uma parceira com que contava, nem que esporadicamente.

Entra para a Faculdade de Direito, no Rio de Janeiro. Forma-se em 1933. Essa década já o surpreende criando, compondo, poetando.

Em 1932, a primeira música gravada, com os irmãos Tapajós: “Loura ou Morena”. Surgem também seus primeiros livros de poesia: “O caminho para a distância”, de 1933 “Forma e exegese”, de 1938, e “Novos Poemas”, também de 1938. Seu aparecimento como poeta provoca admiração em Manoel Bandeira e alguns outros poetas de nomeada. De Manoel Bandeira torna-se amigo.

O poeta tinha vocação para o mundo. Diplomata seria, por essa vocação. Uma vocação para o mundo que não conseguia afastá-lo da criação, e da criação em torno de sua terra. Da poesia de sua gente. Da poesia vinculada à paixão.

Em 1938, ano intenso para ele, vai para Oxford estudar Literatura Inglesa. Casa-se em 1939, pela primeira vez, e essa citação é feita apenas para registrar o primeiro casamento, a paixão que irrompeu por Tati – Beatriz Azevedo de Mello. Serão muitos os casamentos, inúmeras as paixões.

O poeta, o diplomata, o intelectual refinado tinha uma propensão incrível à paixão. Por tudo que fazia. E pelas mulheres. Apaixonou-se, e perdidamente, por muitas delas. O amor, infinito enquanto dure.

O mesmo Ruy Castro lembra que a facilidade com que o poetinha se apaixonava e a dedicação com que se empenhava à paixão só encontravam paralelo na paixão seguinte, que não demorava muito a vir.

Tentou sempre entender as mulheres, mas confessou, ainda no fértil ano de 1938, nunca saber se conhecia uma mulher direito. Achava mesmo que nunca conseguia o feito. “Minha admiração pelo que elas são em si, e pelo papel que têm na vida é tão grande que eu acho que não me deixa fazer psicologia sobre”. A confissão está numa carta a Tati, sua primeira mulher.

Sofria e amava. E amava e sofria. E se perdia sempre de amor.

E era o amor, a paixão, que provavelmente estimulavam sua veia poética, o levavam à poesia, à bossa, ao violão. E tudo isso seguramente tornava a sua missão de diplomata mais rica, mesmo que eventualmente, para os padrões de então, nem sempre seguisse os exatos cânones do Itamaraty. E era tudo isso que o tornava um grande diplomata, um extraordinário embaixador do Brasil.

“Não importa. O que importa é ir embora/ Pela alegria de buscar a aurora/E pela dor de caminhar sozinho”.

Os versos são de Vinicius. E o revelam.

Amor e paixão. Amor e solidão. Solidão e criatividade. A busca da aurora. A solidão nele, quando alcançada, talvez fosse aquela do

momento criativo. Há quem diga ter ele levado uma vida invejável. E talvez seja verdadeiro.

Em que sentido? No sentido de ser a vida de um homem cheio de coragem, capaz de atirar-se em tudo que fazia com todo o vigor de sua inteligência. Com a característica de ser um homem de idéias, do pensamento. Capaz de suportar perdas e, como já se disse, insistindo na trilha de Ruy Castro, de distribuir amor, muito amor. Pela humanidade, pela poesia, pela música, pelas mulheres, por seus filhos, por sua mãe, por seus amigos. Foi assim, caminhando pela vida de modo solidário, fraterno, que ele foi tentando decifrar o mistério da vida, mistério ao qual ele se refere numa carta a Lúcio Cardoso, em 1936.

Ninguém o imagine um sujeito indisciplinado, sem metas, sem caminho definido. “O melhor caminho é sempre o mais difícil, e não o que sai dos pés. Muito provavelmente, a vida dos macacos é mais divertida que a dos passarinhos. E eu me tracei uma regra, que não é regra, não é nada senão um uso poético da minha vida: só rir para as coisas trágicas. Só chorar de emoção. Só andar na ponta dos pés. Só ser delicado. Só topar paradas duras. Só dormir em último caso. Só pensar nos outros. Só castigar a si próprio. Só aceitar o inaceitável. Só criar em alegria e, sobretudo, só ser íntimo”.

Foi com esse caminhar que ele encontrou a serenidade. Não a serenidade burguesa. Mas serenidade como “a mais alta dor na mais funda consciência do próprio destino”, como ele diz em carta à irmã mais nova, Leta.

Foi aprovado em concurso para o Itamaraty em 1942. Entre 1941 e 1942 nascem Suzana e Pedro, filhos com Tati. É nessa década que ele caminha da direita para a esquerda, sob a influência do escritor americano Waldo Frank. Continua poetando: publica “Cinco Elegias” e “Poemas, sonetos e baladas”.

Em 1946, é nomeado vice-cônsul em Los Angeles, onde vai radicalizar sua visão política à esquerda. Revolta-se, por exemplo, com as atividades do Comitê de Atividades Antiamericanas, que estimulou delações, revelou tantos caracteres frágeis entre intelectuais e artistas. Era o tempo do anticomunismo, a Guerra Fria em ascensão. Torna-se amigo de Carmem Miranda, de Gabriela Mistral, de Orson Wells, de Marlene Dietrich, de tantos outros.

Em 1950, retorna ao Rio de Janeiro. Faz crítica de cinema no Última Hora. Volta a compor. Comparece a vários festivais de cinema no exterior. Conhece Tom Jobim. Em 1953, nasce Georgiana, filha dele e de Lila Bôscoli. É nomeado segundo secretário da Embaixada parisiense.

Em 1954, lança Antologia Poética. Em 1956, nasce a segunda filha com Lila, Luciana. Em 1957, segue para Montevideu como cônsul-adjunto, depois de lançar um livro de sonetos. Em 1958, ganha as ruas o LP “Canção do Amor Demais”, com Elizeth Cardoso interpretando suas canções com Tom Jobim. Em 1959, publica Novos Poemas II.

Em 1960, volta ao Rio. Trabalha então na Secretaria de Estado de Relações Exteriores. É intensa a sua parceria com Tom Jobim. Começa a compor também com Carlos Lyra e Baden Powell.

Em 1962, explode “Garota de Ipanema”, dele e de Tom. Publica “Para viver um grande amor”. Em 1963, assume como delegado do Brasil junto a Unesco. Em 1964 volta ao Rio e em 1965 vence um festival da canção, com a música Arrastão, em parceria com Edu Lobo. No ano seguinte, publica “Para uma menina com uma flor”.

No final de 1968, é afastado do Itamaraty pelo AI-5. A ditadura radicalizava, mostrava sua verdadeira face. A ditadura não podia conviver com um homem como Vinicius no Itamaraty. Morra a cultura! Viva a morte! É a palavra-de-ordem das ditaduras, sempre. E Vinicius era a cultura, a criação, o pensamento, o turbilhão de idéias voltado para mudar, melhorar o mundo, torná-lo mais belo e mais justo. Poeta não rimam com ditaduras. Lorca não rimou com Franco. Vinicius não rimou com Costa e Silva.

Em 1970, nasce Maria, filha dele e de Christina Gurjão. Vinicius já mora em Itapoã com Gesse Gessy. Anos seguintes, faz centenas de shows com Toquinho e cantoras como Marília Medalha, Bethânia, Maria Creuza e Joyce, na Itália, na Argentina e no Uruguai.

Em 1976, deixa a Bahia. E deixa Gesse. E se apaixona pela argentina Martha Rodriguez.

Em 1977, o Canecão, no Rio, recebe o show Tom, Vinicius, Toquinho e Miúcha por longa temporada. Deixa Martha. Casa-se com Gilda Matoso, em Paris. Em 1979, faz os últimos show e disco, sempre com Toquinho. Morre no Rio, no dia 9 de julho de 1980.

Morria o poetinha. Eterno poetinha. O da “Garota de Ipanema”. O poeta do Samba da Bênção:

“É melhor ser alegre que ser triste,

Alegria é a melhor coisa que existe

É assim como a luz no coração”.

A presente proposição vem, pois, resgatar uma dívida histórica ao dispor sobre o reconhecimento de um cidadão brasileiro que, como servidor público, na carreira da diplomacia, merece ser promovido *post mortem* ao cargo de Ministro de Primeira Classe, uma vez que foi arbitrariamente expulso do Itamaraty durante a ditadura militar. Permitam-me, nobres Colegas, transcrever um texto que explicita melhor o porquê de se conferir *post mortem* a promoção a Vinicius de Moraes (1913-1980):

“Em meados de 1968, durante a onda de protestos que sacudiu o regime, o marechal Costa e Silva teria redigido de próprio punho bilhete para o então Chanceler Magalhães Pinto ordenando: “Assunto: Vinicius de Moraes. Demita-se esse vagabundo”. Fato ou lenda, o incidente ilustra a irritação do regime com o poeta, causada não por sua escassa assiduidade ao trabalho, mas por notórias amizades à esquerda e uma discreta politização de suas letras. Tal irritação levou à abertura de processo administrativo contra Vinicius que acabou sendo exonerado, em meio às cassações que se seguiram ao Ato Institucional nº 5.

A caça às bruxas foi justificada pela ditadura como ato moralizador, objetivando purgar o serviço público de “corruptos, homossexuais e bêbados”. Amigos que foram receber Vinicius no Galeão, viram-no descer do avião abatido, amargurado, mas com uma garrafa de uísque em punho, para evitar qualquer mal-entendido:- Eu sou bêbado!

Nas longas temporadas que passou no Rio de Janeiro, ajudou (e muito) a criar a mística do Itamaraty como celeiro de intelectuais e grande bastião da cultura. À época, o Palácio da Rua Larga operava como verdadeiro centro da vida social e política da Capital Federal – em seus gabinetes, arquitetava-se a projeção do Brasil no concerto das nações; em suas recepções, tramavam-se os destinos do país. Era um

Itamaraty generoso, que sabia abrigar tanto homens de ação quanto homens de pensamento, pessoas das mais diferentes inclinações e interesses, em leque ecumênico que ia do jovem economista Roberto Campos ao promissor literato João Guimarães Rosa. Deles, exigia-se apenas que fossem geniais.

Ali, Vinícius estava em casa. O Itamaraty era seu porto e seu amparo, a instituição que lhe dava segurança e status para ir-se transformando em um dos mais ativos intelectuais da época. Em setembro de 1956, com o espetáculo “Orfeu da Conceição”, o poeta atingia seu auge, na síntese perfeita entre o erudito e o popular, a tradição clássica e alma brasileira, o drama e a música. Que mais poderia o Itamaraty exigir de seus funcionários? A arte de Vinícius era tão cativante que tinha o dom de se converter em política de Estado. Embaixador algum fez tanto pela pátria quanto ele.

(DANTAS, Marcelo. *A Volta In*: No.mínimo. 27.9.2006. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br>).

A História se faz mediante o reconhecimento daqueles que, em vida, dignificaram o país, através de seu trabalho e divulgação positiva de nossa imagem no exterior, razão pela qual emitimos parecer favorável ao PL nº 6.417, de 2009, que promove post mortem nosso querido “poetinha” Vinícius de Moares ao cargo de Embaixador (Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata).

Mas é a vida que vale, a frondosa, luxuriante árvore da vida é que justifica a homenagem.

Um homem que viveu assim, com tal intensidade, que conseguiu, vivendo apaixonadamente, criando apaixonadamente, revelar o mais profundo do Brasil, o mais poético e criativo de sua cultura, um homem assim, merece essa promoção pós-mortem inegavelmente.

Quando, já muito doente, às vésperas de sua morte, em entrevista, um repórter perguntou a Vinicius se ele estava com medo da morte ele, calmamente, respondeu:

-Eu não estou com medo da morte. Estou é com saudades da vida.

É assim que morre um poeta. Com saudades da vida.
Sem medo da morte.

Assim, morreu Vinicius. Para ser lembrado eternamente
pelo seu país.

Pela aprovação do PL 6417, de 2009.

Sala da Comissão, em 01 de dezembro de 2009.

Deputado EMILIANO JOSÉ
Relator